

gralhas, das mais absurdas, contam-se por dezenas; há nomes trocados (Richard Winkler por Eugen Gottlob Winkler); referências bibliográficas lacunares (falta a página ou o ano de edição); notas deslocadas de páginas, ou referidas no texto mas faltando no rodapé, etc. Não é de aceitar que editora tão responsável como a Bouvier se permita lançar no mercado produto tão mal acabado. Sobretudo num país em que as edições são geralmente muito cuidadas.

De qualquer modo, e apesar das hesitações do A. quanto a uma apreciação valorativa do poeta que é objecto do seu estudo, este livro vem comprovar a presença, por vezes bem marcante, de Platen, tanto no interesse dos críticos como na influência estética, em gerações sucessivas.

Decididamente, Platen não é um “poeta menor”

OLIVIO CAEIRO

MANFRED JURGENSEN: *Das fiktionale Ich. Untersuchungen zum Tagebuch*, Francke Verlag, Bern/München 1979, in 8º, 302 pgs.

A prática do diário íntimo, ainda sem intuitos de divulgação pública, começa em pleno Renascimento europeu, no âmbito do individualismo e do culto da personalidade que é característico da época. Vem depois a conhecer um novo surto entre os secs. XVIII e XIX, com a tendência para o confessional desenvolvida pelo pietismo, o rousseauismo e o movimento romântico, e vai então ensaiando os primeiros contactos com o leitor. No sec. XX, na crise de duas guerras mundiais, o diário íntimo converte-se finalmente em diário para uso externo, talvez porque a evolução dos costumes veio consentir, entre outros, mais este gesto de franqueza que é o *nudismo intelectual*; ou talvez, sobretudo, porque a problemática do Homem moderno já não se confina tanto ao foro metafísico e passa a traduzir-se num protesto contra a agressão do mundo ambiente — envolve, portanto, uma necessidade de denúncia pública, como anseio de mudança para algo de indefinido. Conduzidas, deste modo, ao contacto do leitor, as notas intimistas ganham mais nítida feição literária e, em casos muito estilizados, a forma diarística passa mesmo a intervir, no todo ou em parte, na estrutura duma obra de ficção.

É, pois, recente o reconhecimento do diário íntimo como forma literária. Daí que só as últimas três décadas tenham surgido os grandes estudos de fundo sobre a sua problemática geral. Salvo análises monográficas dum diário determinado, que não aspiram a uma teoria de conjunto, alguns artigos dispersos, de breve extensão, e dissertações universitárias cuja importância não chegou à publicação impressa, as obras teóricas basilares provieram da França e da Alemanha, podendo resumir-se às seis seguintes (por ordem cronológica de primeiras edições): Michèle Leleu, *Les journaux intimes*, Paris 1952; Albert Gräser, *Das literarische Tagebuch. Studien über Elemente des Tagebuchs als Kunstform*,

Saarbrücken 1955; Alain Girard, *Le journal intime*, Paris 1963; Peter Boener, *Tagebuch*, Stuttgart 1969; Béatrice Didier, *Le journal intime*, Paris 1976. Embora não expressamente incidente no estudo do diário íntimo, mas indispensável ao conhecimento dos seus mecanismos psicológicos, cite-se ainda, de George Gusdorf, *La découverte de soi*, Paris 1948.

A bibliografia sobre o diário é, portanto, escassa, se a comparamos com outras formas literárias, não só devido à recenticidade do seu acreditamento estético, mas também porque as últimas correntes críticas, mais procuradas com malabarismo linguísticos ou com o impacto social e político da literatura, têm ignorado o diário íntimo, vendo nele, por certo, uma espécie de onanismo intelectual.

À lista registrada vem agora somar-se este estudo de Manfred Jurgensen, a incidir especificamente sobre a *ficcionalização* do Eu, tal como ela se manifesta na literatura diarística.

Em vinte páginas de introdução, esforça-se o A. por condensar uma panorâmica geral do diário íntimo, nos seus aspectos tipológicos e morfológicos, na comparação com outras formas literárias, na posição específica que o Eu narrador ali desempenha, e promete-nos o que vem depois a constituir o objectivo do livro: a análise do Eu *ficcional* (passe o neologismo, do A. e nosso, porque *ficício* não nos satisfaz) nos diários de Goethe, Sören Kierkegaard, Franz Kafka, Thomas Mann. Max Frisch e Peter Handke. A tentativa resulta confusa e fragmentária, nada acrescentando ao que já se escreveu sobre a matéria nem elucidando quem porventura aqui venha buscar uma primeira informação. Ao referir, por ex., as formas afins do diário, não ficam expressas as distinções entre este, a biografia e a autobiografia; tudo nos aparece como fazendo parte dum mesmo conglomerado. Aproveitam-se desta introdução, quando muito, algumas considerações desgarradas sobre a coincidência do Eu-autor com o Eu-leitor, a preludiar o tema central, e que o A. ilustra com a expressão de Max Frisch, aliás transcrita mais que uma vez nos capítulos monográficos: “Escrever significa: ler-se a si próprio”.

Os espécimes estudados no corpo da obra apresentam-se por ordem cronológica, permitindo acompanhar a evolução do diário íntimo a partir de Goethe; a seleção adoptada, sem ser a única possível, é, no entanto, representativa não só duma variedade tipológica como também dos sucessivos contextos epocais. Todavia, após o estudo do último texto previsto (*Das Gewicht der Welt*, de Peter Handke), o A. vem como que *colar* ainda mais dois capítulos. Um deles sobre diários alemães contemporâneos, em que se refere a textos de Heinrich Böll, Christa Wolf, Luise Rinser, Uwe Johnson, etc., em abordagem tão dispersiva que bem podia dispensar-se, pois não consegue aprofundar em tão curto espaço esse outro problema complexo que é o *diário literário*. O outro capítulo, que, de acordo com o título formulado (*Reflexão diarística: o Eu ficcional do escritor no diário*), poderia ser uma súpula e conclusão teórica de

todo o ensaio, de novo dispersa por uma série de outros autores, alemães e estrangeiros, sem unidade visível. De interesse, apenas algumas páginas sobre o caso singular da americana Anais Nin.

No capítulo dedicado ao diário de Goethe, relaciona-se este texto com os outros escritos autobiográficos do mesmo autor (*Dichtung und Wahrheit, Italienische Reise*, correspondência com diversos — sobretudo Schiller —, as conversações com Eckermann, etc.), no propósito de mostrar que o diário, neste caso, funciona como peça duma engrenagem mais vasta, que é a busca duma consciência histórica do Eu. Embora Jurgensen se afaste por vezes do tema central, ainda resulta nítido esse perfil de monumentalidade, de tranquila postura acima das contingências do tempo, que é típico da expressão do Eu goetheano.

Onde, porém, o A. se mostra com maior à vontade é no domínio da especulação filosófica. Por isso, a análise que nos dá do diário (ou diários) de Kierkegaard resulta no capítulo mais sugestivo e mais profundo de todo o livro. Somos colocados perante um Eu inquieto, cujas relações como divino prenunciam a crise existencial do Homem moderno. A identidade de si próprio tenta o diarista alcançá-la na identificação com Deus; as dúvidas e os desânimos do longo caminho a percorrer nessa busca incessante traduzem-se, curiosamente, numa estilização do Eu — o diálogo dramático do indivíduo com o seu *alter ego*. De modo que o A. achou neste texto o objecto adequado para a demonstração de um dos pressupostos da sua teoria sobre o Eu *ficcional*: o diário íntimo contém em germe, mais nitidamente que qualquer outra forma de expressão pela palavra, a própria génese do fenómeno literário. Tudo começa quando o indivíduo se interroga e a si mesmo quer dar uma resposta.

A crise antecipada em Kierkegaard vem a assumir no diário de Franz Kafka o grau de *angústia existencial*. Temos o indivíduo alienado em relação ao mundo que o rodeia. Essa impossibilidade de harmonia e entrega traduz-se numa *Metamorfose* do Eu (processo recorrente na obra kafkiana), onde se opera a recriação do universo, em termos dum convívio possível. O diário decorre, assim, no confronto dialógico entre o escritor e o Eu *ficcional*; este assume por vezes o papel dum interlocutor imaginário, sob o tratamento de “tu” ou de “ele”, ou estabelece-se mesmo um diálogo entre ambos, sob a figuração das personagens A. e B. Daí também o recurso frequente aos estados oníricos, onde aquela metamorfose assume a credibilidade do real. Temática assaz interessante. Pena é que o A., abordando por duas vezes a sedução que a obra e a personalidade de Goethe exerceram sobre Kafka, não consiga extrair todas as consequências dum estudo comparativo que se antevia alician-te, em função das condicionantes culturais das duas épocas.

Do extenso diário que Thomas Mann foi mantendo ao longo da vida, restam os apontamentos referentes aos anos de 1918-21 e 1933-55, mas só os dois primeiros anos de exílio (1933-34) estão por ora editados. É com esta

matéria que o A. faz a exemplificação da literatura intimista na época do III Reich. Avulta, como é de esperar, o protesto do diarista contra a iniquidade política que o levou a homiziar-se; os aspectos específicos em que essa revolta se manifesta na *ficcionalização* do Eu resultam de facto sugestivos na análise de Jurgensen. Na expressão do A., “a peculiaridade deste Eu diarístico reside na obsessão com que se identifica com a sua *origem política e cultural*”. Isto é, porque na Alemanha distante *deixou* a sua identidade cultural. Thomas Mann assume, de longe, como que o papel de “*Praeceptor Germaniae*” e dele faz a sua missão pessoal na tarefa comum do resgate da pátria. Só que, na intimidade do diário, este perfil *construído* do Eu revela pormenores que numa autobiografia estariam vedados. Assim, por ex., ainda nas palavras de Jurgensen, “pertence à essência deste autor da burguesia hanseática medir também o valor do seu trabalho cultural em termos de moeda corrente” De modo que assistimos no diário à contabilização detalhada dos rendimentos recebidos na sua actividade de escritor, ao lançamento de despesas feitas e considerações sobre o custo de vida e até ao balanço do valor do prémio Nobel, que lhe foi sonegado pelas autoridades nazis. Como se vê, um diário pode ser também, conforme o título metafórico escolhido por Vergílio Ferreira, uma “conta corrente”. . . Matéria avultada nas notas íntimas de Thomas Mann é também o registro da aceitação externa da sua obra literária (críticas, recensões, simples comentários de intelectuais responsáveis), ainda no quadro do tal Eu *constituído*, bem como considerações sobre a possível identificação do artor (ou aquilo que o público julga identificável) com algumas personagens da sua obra de ficção. Em vários aspectos deste Eu monumentalizado seria de esperar a comparação com Goethe, que o A. ainda aflora, mas, mais uma vez, não aprofunda.

Finalmente, com a interpretação de dois contemporâneos, Max Frisch e Peter Handke, o A. situa-nos perante a ficção do Eu no diário literário. Trata-se de textos expressamente concebidos para publicação e portanto já expurgados das trivialidades e redundâncias dos espécimes tradicionais, embora procurando imitar-lhes a temática e o estilo. Do confronto entre o indivíduo e o seu *alter ego*, passa-se ao diálogo preconcebido entre um autor e um leitor. As razões que condziram à consagração pública desta forma literária vê-as o A. na crise do Eu na sociedade tecnocrática de após a 2ª Guerra Mundial e também num retorno às origens do próprio fenómeno ficcional (em germe no diário íntimo, como dissemos), dado que as formas consagradas parecem tornar-se impotentes para traduzir o plurifacetado dum Eu em busca de identidade. Deste modo, vamos achar, no diário literário dum escritor, idéias e esboços desenvolvidos na sua obra de ficção restante, e nesta, aspectos morfológicos ou estilísticos que provêm do diário íntimo. Jurgensen procede à análise dessa interrelação, na obra de ambos os autores.

Fomulámos algumas objecções ao mérito da obra em apreço. Porém, o que nela mais desagrada é a repetição fatigante de idéias, juízos e citações já contidas em páginas anteriores. Pensamos que o defeito provém, em boa medida, do esquema estrutural adoptado. Em vez de encarar as diversas manifes-

tações do *Eu ficcional* por zonas temáticas e examinar em profundidade cada uma destas, o A. faz um comentário de cada texto na sua linha diacrónica. Ora o diário íntimo é uma forma que, por natureza, não obedece a planificação prévia — vai decorrendo ao sabor do quotidiano, que, inevitavelmente, em muita coisa se repete. Daí também a tendência do A. para o tautológico, à medida que as situações e as reacções dos diaristas se repetem também.

Em apreciação global, e a concluir, diremos que o livro de Manfred Jurgensen sobre o *Eu ficcional* não é de todo inconsequente. Alguma achega vem trazer ao estudo psicológico do diário íntimo, onde, aliás, continua a sobrar boa margem para investigações. Mas, pela qualidade, este trabalho não se situa ao nível dos estudos basilares a que aludimos.

OLIVIO CAEIRO

Catedrático de Lit. Alemã Univ. de Lisboa